O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: mudança de paradigmas

[1]
Maria José Vital Justiniano

RESUMO

A situação de uso da língua portuguesa merece um novo olhar, inclusive, no que se refere ao ensino. O desenvolvimento da produção escrita em língua padrão traz para os professores desta área questões importantes que devem ser debatidas. Este artigo tem como objetivos: investigar quais as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da área de língua e que papel tem o professor /orientador na formação de alunos leitores; explicitar metodologias aplicadas no processo de ensino da leitura;propor novo paradigma para o ensino de língua portuguesa. É urgente que se procure mudanças relacionadas aos atuais métodos de se ensinar a língua portuguesa. Para se pensar a língua portuguesa e o ensino, pensa-se também em outras perspectivas para novo cenário no ensino desta língua como também no olhar de professores de língua portuguesa. O artigo revela, por meio de uma pesquisa com professores da área, as possibilidades de mudanças e uma construção de novo paradigma para o ensino da língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Professores. Língua portuguesa. Ensino. Mudança de paradigmas.

ABSTRAT

The situation of Portuguese language deserves a new look, including with regard to education. The development of the written language brings standard for teachers in this area important issues that should be debated. This article aims to: investigate what difficulties faced by professionals in the field of language and what role does the teacher / mentor with student readers; explicit methodologies in the teaching of reading; propose new paradigm for teaching English . It is urgent to look for changes related to the current methods of teaching the English language. To think about the English language and teaching, it is also thought in other prospects for new scenario in teaching of this language as well as the look of Portuguese language teachers. The article reveals, through a survey of teachers in the area, the possibilities of change and a new paradigm for the construction of the teaching of the Portuguese language.

KEY WORDS: Teachers. Portuguese language. I teach. Change of paradigms.

---

1 Professora pesquisadora - Curso de Letras das Faculdades Integradas de Patos.(FIP)

INTRODUÇÃO

Existem questões, atualmente, gerando polêmicas na área da educação no Brasil: uma melhoria nos cursos de formação de professores de língua portuguesa, um aprofundamento e mais definições e conhecimento dos parâmetros curriculares, entre outras. Uma pesquisa, envolvendo o ensino da língua portuguesa com pretensões de mudança de paradigma, justifica-se pela necessidade de resgatar-se o valor que este idioma possui, e para se tentar promover um ensino diferenciado nas escolas públicas e particulares espalhadas pelo Brasil.

Recorrer a vários autores que pesquisam o ensino de línguas é fator primordial ao se buscar soluções para uma maior qualidade no ensino. Pesquisadores como Azevedo (2007), Cardoso (2001), Bajard (2005), entre vários outros que trabalham a temática da importância da leitura e da produção textual, estão sempre em constante atuação na área educacional por perceberem que é através da compreensão do texto que se manifesta o real papel da língua.

A escola está preparada para solucionar essa questão? Será que a formação dos professores é suficiente para descobrir todo o processo do conhecimento gramatical? Conhecer gramática é conhecer a língua?

A pesquisa desenvolvida, nesta perspectiva, busca respostas para tais questionamentos. É uma pesquisa bibliográfica com focos na língua e ensino, o espaço que o texto ocupa na escola, além de procurar reconstruir caminhos para mudança de paradigmas do ensino considerado "tradicional" para encontrar perspectivas para novo cenário no ensino de língua portuguesa.

1 Pensando na língua portuguesa

Quando se muda um paradigma, há alteração em nosso modo de agir e de gerir situações e, também, em nosso comportamento ético-profissional, por que não dizer linguístico?

Só o fato de encontrarmos um livro em que o texto em língua portuguesa esteja "ainda" sendo utilizado de modo arcaico, isto é, sem a mudança ortográfica vigente, super moderna, aprovada em 1 de janeiro de 2009, faz-nos refletir sobre os paradigmas do ensino de língua portuguesa.

Pequenos trechos, retirados de um livro datado em 1961 de Sapir (1961,p.17), revelam as diferenças na acentuação das palavras.

Exemplificando: " A lingüística hitòrico-comparativa [...] daí não se possam êles pretender [...] talvez seja incapaz de responder satisfatòriamente. Ainda na mesma obra existem termos que nos chama a atenção:

São eles: "desprêzo, fôrça, interêsse, ùnicamente, tôdas, fatôres".

Nós, usuários da língua portuguesa, tentamos entender que juízo pode estar perto da verdade da Ciência da linguagem ao transformarmos tantos sinais, teoricamente chamados de acentos, mas foneticamente de igual pronúncia – existem exceções.

Para um melhor esclarecimento é mister que pronunciemos cada palavra citada: desprêzo (som fechado), desprezo (som aberto)

fôrça (som fechado), força (som aberto)

interêsse (som fechado), interesse (som aberto)

ùnicamente(som aberto) (única pronúncia)

tôdas (som fechado)

fatores (som fechado)

Não há fenômeno maior quando se estuda a evolução da língua portuguesa. A questão é que não temos uma experiência de muita pesquisa e nem muita concentração para percebermos esses fenômenos, aprendê-los e depois ensiná-los.

Ensinar é uma arte, e aprender, também, é considerado uma arte, portanto todos nós somos artistas, pois, estamos, de certo modo, ensinando e aprendendo. É notório que o(a) professor(a), às vezes, não dispõe de tempo para aprender e, depois, ensinar. Na grande maioria, os professores adquirem a experiência do conhecimento por meio do "ensinar". Ficam anos e anos, por vezes, até mesmo reivindicam à direção da escola, a mesma série, pois é mais fácil para ele - o professor- transmitir o conteúdo, porque já aprendeu quando ensinava na X série. É mais cômodo explicar novamente tudo o que explicou anteriormente. Isso ajuda a fixação da própria (sua) aprendizagem

Nessa linha de raciocínio, fica extremamente complicada a ruptura de paradigmas porque vai exigir do professor, sob vários aspectos, muita dedicação e, principalmente, disponibilidade para (re)aprender novas concepções.

A língua, por ser um produto cultural, requer comportamentos diferenciados, além de exigir estratégias metodológicas variadas para o ensino.

Pensar na língua portuguesa, necessariamente, consiste em questionar se nós, professores, estamos preparados para romper paradigmas.

A gramática tradicional que é, ainda, usada em muitos estabelecimentos de ensino do Brasil requer "ser guardada na estante para consultas". Isso, levando em consideração a obrigatoriedade das novas mudanças ortográficas. Mudanças essas, difíceis e polêmicas no contexto da aprendizagem, porque a qualidade do processo da aprendizagem, o viés pedagógico depende da disponibilidade, da motivação e do preparo daquele que está envolvido diretamente em sala de aula com o estudante.

Depende efetivamente da figura dos professores que, às vezes, não são – ou, não querem ser – engajados nos projetos de qualificação de profissionais.

A importância da diacronia[1] surpreende os estudiosos de línguas pelo reconhecimento e necessidade de aprofundamento nas pesquisas relacionadas às questões linguísticas e de sua história.

Pensa-se que o ensino da língua é uma tarefa da escola. Obviamente, a escola é responsável pelo processo progressivo do conhecimento, e a competência de habilidades, em relação à linguagem, estará sempre ligada à formação do professor de línguas, na construção do material e nas estratégias de ensino.

Para se pensar na língua portuguesa, é imprescindível conhecer o objeto de estudo, a língua portuguesa, seus registros e história, as variações, a micro e macro linguística.

A dimensão a que está sujeito um "pensar" remete-nos ao recorte de reflexões conceituais, haja vista a amplitude de um estudo sobre língua portuguesa. É necessário, portanto, pensar, refletir, propor modelos expressivos e seguros num contexto sociocultural, a fim de compreender e assimilar novos paradigmas como recursos e mecanismos inovadores nesta área educacional.

2 Língua portuguesa e ensino

Ensinar não é representar. Se ensinar não é representar, no sentido literal da palavra , defendemos, aqui, a ideia do termo "representar" como um grande palco onde o espetáculo "aula" tem um ator ou palhaço instigando a atenção e humor da plateia, então, de que forma algo tão sério como "[...] preparar o aluno para expressar oralmente, e por escrito", (AZEVEDO, 2007, p.38), pode estar sendo aparentemente representado no palco "escola"?

A aula não deve ser espetáculo e nem a escola um palco, nem tampouco o professor é um comediante.

---

1 Diacronia: desenvolvimento das línguas através dos tempos.

Sabemos que foi a partir dos anos 1950 que a disciplina língua portuguesa foi alvo de modificações no conteúdo. Isso aconteceu levado em conta o cenário de democratização da escola naquela época, onde os filhos da burguesia que estavam presentes em salas de aula misturavam-se com os filhos dos trabalhadores.

O ensino da gramática e o estudo sobre como se estudar língua portuguesa começaram a constituir instrumentos pedagógicos para os mestres, obrigando-os a encontrarem estratégias facilitadoras de sua atividade docente. Mas não são apenas os profissionais em língua que se organizaram para buscar novas formas de ensinar. Os especialistas em políticas educacionais vêm oferecendo cursos de capacitação, no sentido de orientar os professores a reformulações dos saberes.

Existem questões, atualmente, gerando polêmicas na área da educação no Brasil: uma melhoria nos cursos de formação de professores de língua portuguesa, um aprofundamento e mais definições nos parâmetros curriculares e uma reavaliação dos livros didáticos específicos de português.

Não se pode culpar o professor que "não sabe se sabe", pois ele é vítima de uma sociedade formadora de acadêmicos imaturos, desestimulados com a profissão e, principalmente, não são bem remunerados.

Em relação às exigências dos PCN, as " fórmulas" prontas nem sempre são eficientes. Isso, acreditamos devido ao mal emprego das recomendações indicadas nos textos dos Parâmetros Curriculares.

No que diz respeito a uma avaliação dos livros didáticos, parece-nos utopia. Quando algum grupo ou equipe de professores conseguem analisar um livro didático, não há critério, no que diz respeito a cada realidade de sala de aula a que está sujeita à implantação do livro.

Ainda estamos longe de conseguirmos retirar a essência de cada texto apresentado nos livros que, por vezes, só chegam às escolas quando os professores já elaboraram o planejamento anual.

Se formos fazer um detalhamento analítico do ensino da língua materna, é preciso nos ocupar das causas da crise e buscar fontes de pesquisas para confirmação do quadro caótico em que se encontra o ensino brasileiro.

Para isso, basta apresentar um pesquisa intitulada **Diagnose do ensino de leitura** que foi desenvolvida em uma cidade do interior do nordeste e concluída em 2007.

A pesquisa mostra através de roteiros de entrevistas e questionários, que os profissionais puderam expor as suas visões no que diz respeito ao **ensino** da leitura no cotidiano escolar. Investiga quais as dificuldades enfrentadas, que papel tem o professor /orientador na formação de alunos leitores, quais metodologias aplicadas no processo de ensino da leitura, entre outras.

Embora os professores tenham respondido anonimamente às perguntas contidas no questionário aplicado, observa-se uma busca pelo posicionamento politicamente correto ao responder algumas perguntas, especialmente, no que se trata da metodologia usada para o ensino da leitura. Isso fica evidenciado no fato de nenhum professor ter confessado usar os textos do livro didático como principal ou única fonte de leitura, quando na verdade, sabe-se que muitos professores fazem uso, unicamente, dos textos contidos no livro didático, sem que recorra a fontes alternativas. Por outro lado, é plausível a atitude dos professores em reconhecerem que o ensino de leitura na escola é deficitário e que há muito a ser feito, para que se chegue a um parâmetro ideal de ensino.

O que nos intriga quanto à pesquisa é o percentual em relação aos seguintes questionamentos: **Principais dificuldades em relação ao ensino da leitura,** cuja respostas, no universo de 10 escolas, foram: o aluno não tem hábito de ler (71,43%); não há ambiente adequado e/ou material técnico pedagógico (21,42%); trabalho desarticulado(7,14%); dificuldades de compreensão/o aluno prefere jogos à leitura(7,14%); a família não assume parceria com a escola (7,14%).

Outras respostas interessantes apareceram na pesquisa quando o entrevistador perguntou qual o **Papel do professor na formação de alunos leitores,** cujas respostas foram: mediar/incentivar o gosto pela leitura (78,57%); ser também um bom leitor (21,42%).

Ora, para que o professor exerça seu papel de formador de leitores, obrigatoriamente, exige-se deste professor o mínimo, isto é, ser um bom leitor. A incoerência das respostas nos deixa confusos. O percentual de profissionais que têm consciência do seu dever de ser sempre um leitor deveria ser 100%.

Foi pertinente divulgar esses dados para observarmos a postura de determinados professores de língua portuguesa.

Essa realidade apresentada pode ser alterada, porém, para uma guinada no campo da linguística aplicada que possa contemplar a questão do ensino da língua, faz-

se necessário urgentemente repensar novas estratégias práticas, eficientes e específicas para o ensino da leitura.

As metodologias empregadas em turmas do Ensino Fundamental e Médio estão provocando, nos eleitores, uma tomada de decisão ? São executados projetos que contribuem para a reflexão do cidadão em todos os aspectos de sua vida?

Poderíamos elencar muitas interrogações para conseguirmos fazer um mapeamento de investigações para futuras pesquisas; no entanto, o viés será sempre o mesmo: como descobrir e aplicar novos paradigmas nas escolas para reverter o insuportável rótulo – a escola não ensina ler nem escrever.

É relevante, aqui, pensar no professor sujeito e agente do processo de ensinar e quais as propostas que este professor pode levar para a sala de aula. Só se pode transformar algo quando este objeto de transformação estiver amplamente estudado. O objeto em questão é a proposta que se leva para o aluno. Uma vez determinado o objetivo, busca-se alguns critérios de implantação dessas propostas.

O problema é que nem sempre os professores, especialmente os que não têm tempo para "ler","analisar","avaliar", sabem quais critérios podem incluir na proposta.

Como proposição de ensino, o objetivo maior deve ter como alvo o critério do diagnóstico do nível de aprendizagem dos alunos na primeira semana de aula. Este é um desafio que, muitas vezes, não é levado a sério pelos professores.

Como organizar um planejamento se não se tem o retrato dos sujeitos da aprendizagem, ou seja, dos alvos a que se destinam os planos de aula? Sabemos que a maioria das Instituições de ensino exige o plano de ensino sem, no entanto, proporcionar um tempo de reconhecimento do cenário onde será executado esse planejamento.

Após o diagnóstico que deve ser feito através de questionamentos orais, elaboração de textos explicativos sobre determinado assuntos estudado na série anterior, jogos recreativos, círculos de debates, entre outros, então, é possível conhecer os indícios de dificuldades que os estudantes apresentaram durante a série anterior.

Os mecanismos, recursos, estratégias, inovações de ensino de língua portuguesa são inúmeros; porém, não sabemos as causas das avaliações não apresentarem resultados positivos.

Cada professor tem o dever de acompanhar o processo do ensino-aprendizagem. Às vezes, ouvimos só reclamações.Isso acontece nos corredores das escolas, nas reuniões pedagógicas , nos encontros de capacitação, sem , no entanto, aparecer

nenhuma solução para que cessem os clamores de que o professor cumpriu sua parte, mas o aluno não aprendeu.

A mídia colabora para a propagação dessa realidade, espalhando, através dos meios de comunicação, as porcentagens – nada animadoras – baixas de alunos que não sabem ler, interpretar e muito menos escrever.

Como proposta de mudança deste quadro "sempre" apresentado à sociedade, urge uma postura diferenciada dos professores. Buscam-se reformulações no roteiro de planejamentos, porém a repetição de ideias, as cópias de exercícios ficam camuflando as iniciativas de mudanças. Às vezes, os livros didáticos são, também, reproduções de outros livros, por isso a criatividade dos mestres devem estar sempre em ação atentado para todos os tipos de máscaras pedagógicas.

É necessário atitude para criar, reavaliar, (re)aprender e nunca reproduzir,mas, ao contrário, produzir saberes e transformar os conhecimentos dos alunos em novos conhecimentos, acrescentando, somando, multiplicando. Só assim haverá transformação metodológica.

Nesse contexto, uma articulação interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar pode ser mediadora de recursos pedagógicos eficientes para a aprendizagem. Essa aprendizagem não está condicionada a espaços lúdicos, repletos de oficinas de todas as espécies, mas deve-se encontrar-se e buscar o texto como um instrumento para a realização da aprendizagem em todos os aspectos.

3 O texto no espaço da sala de aula

Em sala de aula, o espaço é propício para tudo, desde uma simples conversa informal do aluno com o professor até mesmo relato de experiências que nos fazem refletir sobre o ensino gerando possibilidades de pesquisas sobre determinados acontecimentos que ocorrem no espaço de sala de aula.

Consideremos a experiência primária de uma criança em situação de intensa concentração na aula de português. A professora está explicando um conteúdo sobre os gêneros feminino e masculino, utilizando, segundo ela, a regra geral. Assunto adequado à criança de seis ou sete anos.

A professora diz com palavras bem pronunciadas o seguinte: a regrinha para saber o feminino dos seres em geral é muito fácil. A professora, em questão, dirige-se ao quadro, escolhe um pincel vermelho e escreve com letras bonitas:

MASCULINO FEMININO

O garoto.....a garota

O menino .....a menina

O filho.....a filha

A professora continua sua aula e diz mais uma vez, agora destacando as letras **(a)**: basta trocar a letrinha para que o feminino apareça. É realmente muito fácil aprender o que é gênero masculino e feminino.

Imaginemos que, neste instante, uma criança faça o seguinte questionamento: Professora é fácil. Posso escrever no quadro que já aprendi? Que cena linda! A criança dirige-se ao quadro escrevendo:

O bolso.....a bolsa

A professora não entende o processo de compreensão da criança e apaga logo o que a criança escreveu. Mas a criança insiste - Está certo? Neste exato momento, a professora silencia.

Observemos toda a problemática que "nossa" criança muito inteligente desencadeou. É a escola que está preparada para solucionar essa questão? Será que a formação dessa professora foi suficiente para descobrir todo o processo do conhecimento gramatical sobre os gêneros feminino e masculino?

O aluno está certíssimo em interpretar que o feminino de (o bolso é a bolsa), pois o aspecto que lhe chamou a atenção foi a substituição do **o** pelo **a**.

De que forma podemos colaborar com esta criança ?

Se formos capazes de aproveitar todas as lições que os alunos nos transmitem, haverá crescimento mútuo e valorização recíproca da aprendizagem. Nós sempre vamos aprender com os alunos. Esta é uma afirmativa sem contestação.

Neste contexto, a utilização de textos orais e escritos legitimam a corrente da aprendizagem em que cada elo precisa estar ligado a outro para que ambos sirvam de âncora no processo da aquisição do conhecimento.

Seguindo esse raciocínio, o professor tem a tendência de fazer a "leitura" do texto do aluno – obviamente fazendo referência, aqui, ao texto oral – aproveitando as interferências em sala de aula.

Em se tratando de ficar atento (a) a tudo que acontece no espaço escolar, há, sim,inúmeras possibilidades de aprender a ensinar e ensinar a prender.

4 Perspectivas de novo cenário no ensino de língua portuguesa

Pensando na língua portuguesa, no seu ensino e na função que o texto tem no espaço escolar, é hora de buscar novas perspectivas pertinentes à atividade educativa.

Nesse sentido, podemos selecionar/criar estratégias com intuito de possibilitar, aos professores, novos paradigmas para a arte de ensinar língua portuguesa.

Primeiramente, orientar os alunos para a estrema necessidade do conhecimento e prática da língua materna. Quando orientamos, estamos, automaticamente, alertando e conscientizando sobre a responsabilidade do usuário da língua materna e do ato sócio-comunicativo que a língua proporciona. Em segundo lugar, desmitificar a tradicional frase "língua portuguesa é muito difícil", ressaltando o valor das variedades linguísticas e a competência natural que cada ser humano tem no desempenho de suas atividades de comunicação oral e escrita.

Como outra estratégia de uma mudança de paradigma seria conduzir uma discussão acerca da forma em que se encontram atualmente as escolas – especificamente o ambiente de sala de aula – com carteiras bem "organizadinhas".

Se fizéssemos uma experiência de concretização de transformação, iniciando pelas salas de aula, onde, pudéssemos organizar a "SALA DE LÍNGUA PORTUGUESA", com seu espaço próprio onde os alunos encontrariam a conveniência de liberdade para a prática de leitura e produção de textos, com murais representativos de cenários das obras lidas, varal de poesia, etc., provavelmente, expectativa de encontros semanais nesta sala seria incentivador.

Isso se faz necessário para que a mesma sala em que se ensina Ciências, Matemática, Geografia, ou outra matéria, descaracterize o envolvimento peculiar que o professor e o aluno têm durante as aulas de leitura e produção de texto.

Partimos da ideia de que uma significativa mudança ambiental pode contribuir positivamente no momento do processamento de um texto - a escrita.

Esta sala, em particular, poderia dispor de arquivos em estilo de portifórios para consultas. Na mesma sala, as gramáticas e dicionários estariam sempre expostos todo o tempo para facilitar a resolução de exercícios propostos pela professora da disciplina Língua Portuguesa.

Outros recursos possíveis de inserir em uma sala dessa natureza - "SALA DE LÍNGUA PORTUGUESA" seria um armário - (nomear como RECANTO DOS REGISTROS) onde as famosas redações que, às vezes, os alunos iniciam, mas a "sineta" toca impedindo o término dessa elaboração textual. Este texto ficaria armazenado até a próxima aula. Cada estudante teria, portanto, a oportunidade de retornar seu pensamento que fora interrompido sem prejuízo tão usual dos alunos que dizem "esqueci em casa" a folha de rascunho.

Com esse procedimento, a reclamação e visão do aluno como todo texto é enfadonho é uma " coisa chata" ficaria no passado.

Não acreditamos ser utopia essa nova vertente que envolve a prática pedagógica, como prática metodológica de compreensão /apreensão da língua portuguesa.

Recorrendo a Signorini (1998, p.104) "Quanto a focar o acontecimento, a formação do novo, do atual, a partir da multiplicidade e do movimento..." é uma tomada de decisão que somente profissionais corajosos podem se comprometer.

Apoiados nessa linha de atualização e modernização das salas de aula, destacamos o fato do desencadeamento de outras ações e manifestações progressivas na área educacional.

5 O olhar de professores de língua portuguesa: breve análise

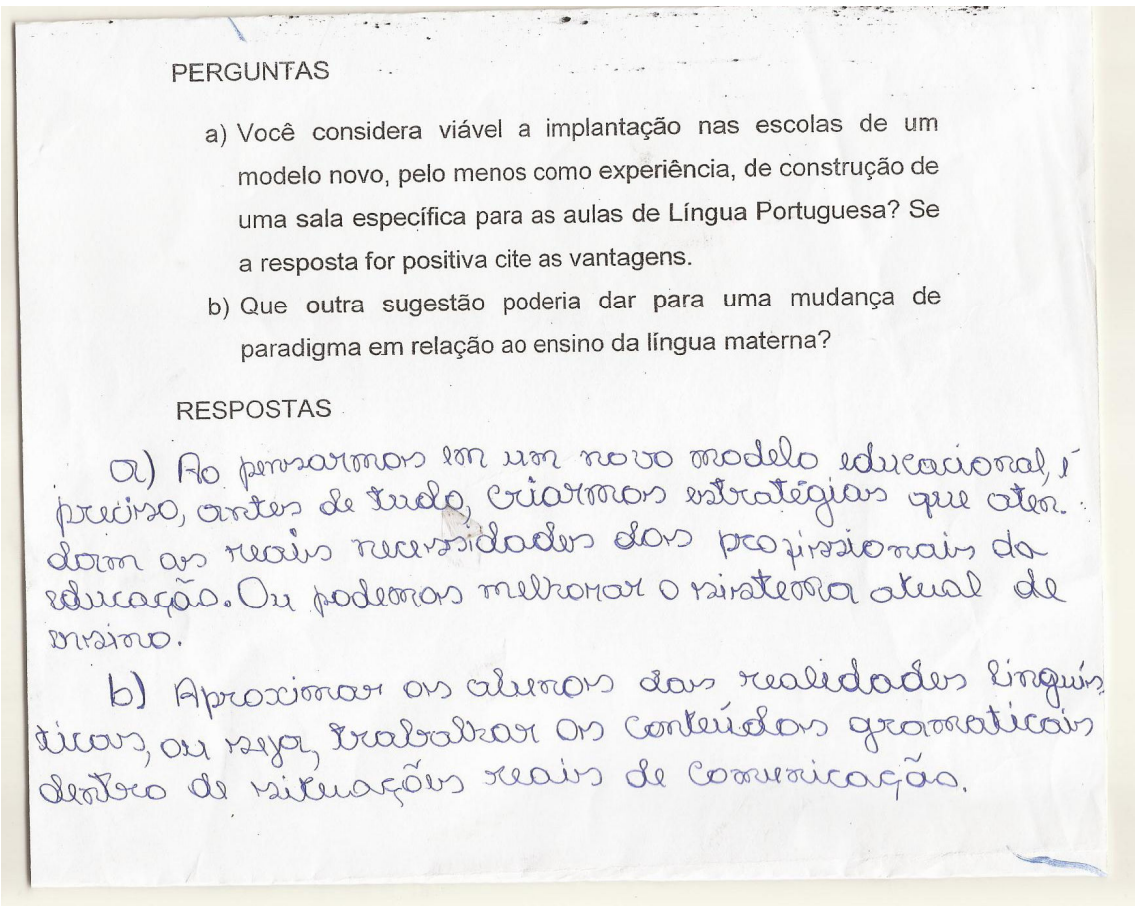
Para embasar essa possível mudança de paradigma, recolhemos, aleatoriamente, as sugestões de 12 profissionais que ensinam língua portuguesa, cujas respostas, literalmente, fazemos questão de registrar, como amostra, neste artigo, apenas dois. Foram somente duas perguntas, obviamente, por entender que o tempo de todo professor é restrito. Acreditamos que a objetividade desta pesquisa de natureza qualitativa revelará as preocupações dos entrevistados. Nenhum nome foi publicado, resguardando a ética tão necessária a toda e qualquer pesquisa.

PERGUNTAS

a) Você considera viável a implantação, nas escolas, de um modelo novo, pelo menos como experiência, de construção de uma sala específica para as aulas de Língua Portuguesa? Se a resposta for positiva cite as vantagens.
b) Que outra sugestão poderia dar para uma mudança de paradigmas em relação ao ensino da língua materna?

RESPOSTAS

Prof. 01-



PERGUNTAS

a) Você considera viável a implantação nas escolas de um modelo novo, pelo menos como experiência, de construção de uma sala específica para as aulas de Língua Portuguesa? Se a resposta for positiva cite as vantagens.
b) Que outra sugestão poderia dar para uma mudança de paradigma em relação ao ensino da língua materna?

RESPOSTAS

a) Ao pensarmos em um novo modelo educacional, é preciso, antes de tudo, criarmos estratégias que atendam as reais necessidades dos profissionais da educação. Ou podemos melhorar o sistema atual de ensino.

b) Aproximar os alunos das realidades linguísticas, ou seja, trabalhar os conteúdos gramaticais dentro de situações reais de comunicação.

Ao citar o termo “estratégias”, a entrevistada vem de encontro aos objetivos propostos da pesquisa. Quando se pensa em “aproximar os alunos das realidades”, existe a busca de alternativas para o ensino de línguas.

RESPOSTAS/

a) Sim, visto que seria dado um pouco mais de relevância ao ensino de língua Portuguesa. Se as aulas fossem numa sala específica daria-se mais prioridade ao ensino de uma área essencial, porém cada vez mais precária, quando se trata de aprendizagem.

Outras disciplinas, como biologia, química, etc. são muito importantes, todavia o ensino gira em torno dos eixos português e matemática. Creio que, estas estando dominadas haverá uma facilidade maior para o domínio das demais áreas. Portanto considero viável o ensino específico e enfatizado da nossa língua.

b) Algo que considero insuficiente diante da demanda de conteúdo de língua Portuguesa nas escolas públicas. Nós professores, nos vemos desesperados com tantos assuntos a discutir, com tantos problemas a solucionar em meio a um reduzido tempo. Tal situação ocasiona um problema recorrente: o estudo superficial dos conteúdos. Talvez se o tempo dedicado ao ensino de Língua Portuguesa. Vale ressaltar, entretanto, que apenas aumentando o número de aulas não resolverá o problema, deve haver um conjunto de fatos para que isso aconteça.

As respostas estão direcionadas à questão da viabilidade da aula de língua portuguesa ser preferencial em relação às outras disciplinas. Há também, na segunda resposta, uma reflexão em relação ao tempo dispensado para o ensino de línguas, considerado pela professora como um ponto importante no processo do ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância da pesquisa é notória e pertinente, pois assumimos o desafio de buscar o envolvimento de profissionais da área de língua portuguesa para um novo agir em sala de aula. É uma proposta bastante eficaz, porque nos permitiu enquanto pesquisador, articular juntamente com os sujeitos da pesquisa, novos paradigmas em busca **do fazer acontecer.**

Também ficou evidente no decorrer das diversas fases do trabalho que a consistência do atual modelo de ensinar língua portuguesa, não é adequado, podendo-se afirmar que é possível uma mudança para um novo modelo de ensino, isto demonstra criatividade e inovação no sistema educacional.

Toda e qualquer outra pesquisa relacionada a esta temática irá contribuir para a implantação de novo paradigma para o ensino de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, José Carlos de. A quem cabe ensinar a leitura e a escrita?.In. PAULIUSKONIS; GAVAZZI(Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**.Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BAJARD, Elie. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: DP&A, 2.ed., 2000.

CARDOSO, João Batista.***Teoria e prática de leitura,apreensão e produção de textos***. Brasília:Univ*ersidade de Brasília, São Paulo:2001*.

PILETTI, Caludino (org).**Didática especial**. São Paulo: Ática, 2000.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática,1986.